

À margem de O DELFIM

(entrevista com JOSÉ CARDOSO PIRES)



Cardoso Pires no lançamento de *O Delfim*: o escritor não é bicho de gabinete.

Cocktail no Teatro Villaret. A Moraes Editora apresenta *O Delfim*, novo romance de José Cardoso Pires, e, simultaneamente,

a nova colecção «A Marca do Tempo».

O foyer do Teatro é centro de convívio: reúnem-se, conversam, contactam escritores (Alexandre O'Neill, Alvaro Salema, Palla e Carmo, Blanc de Portugal, Tereza Horta, Carlos de Oliveira, Júlio Moreira, Gaspar Simões), jornalistas e directores de jornais (A. Ruella Ramos, Guilherme Pereira da Rosa, Francisco Balsemão, António Paulouro, Francisco Mata, Baptista Bastos), professores universitários (Jacinto Prado Coelho, Dias Marques, Pe. Manuel Antunes, Miller Guerra), pintores (João Abel Manta, Sá Nogueira), actores (Carmen Dolores, Fernando Gusmão, Rui de Carvalho, Solnado, Maria do Céu Guerra), diplomatas (Ana Candido e Prof. Ricardo Aventini, do Instituto Italiano; Otto Lara Rezende, adido cultural da Embaixada do Brasil; Fernando Moran, secretário da Embaixada de Espanha), homens da banca (drs. Manuel Jacinto Nunes, José Roquette, Filipe Nobre Guedes, José Raposo de Magalhães, Vasco Vieira de Almeida, Artur Cupertino de Miranda, Almeida Fernandes), editores, arquitectos, gente da rádio e da música ligeira.

O facto quase roça o insólito: nunca se viu reunião tão heterogénea a propósito do lançamento de um livro de um escritor português vivo, aqui ao nosso lado, cansado, fumiscando cigarro, copo de whisky na mão. Não há pose, não haverá crónica mundana. Alçada Baptista, em nome da Moraes Editora, agradece a presença dos circunstantes, em duas palavras diz o porquê da reunião. O actor Fernando Gusmão apresenta *O Delfim*. Rui de Carvalho lê depois um capítulo do romance. A cerimónia, a havê-la, termina aqui. Mas o resto merece registo: um escritor tem à sua volta muita e diversa gente, contrariando a ideia-feita de bicho de

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

À margem de O DELFIM

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

gabinete, isolado na sua torre de marfim, longe da vida e de quem nela vive — ou junto, apenas, de seus confrades, em tertúlias que só existem na óptica de literatos menores.

Num breve parêntesis da reunião, puxamos Cardoso Pires para um canto do foyer. Dois whiskys e uma conversa.

— Ora aqui estamos numa situação muito especial. Você há seis anos que não apresenta um original, publica pouco, furta-se à curiosidade dos leitores. Agora surge *O Delfim*. Pode dizer-se que esta apresentação do livro é um acontecimento...

— *Sim, mas isto é a parte posterior ao livro. Um livro é um produto integrado numa indústria, um bem de consumo nas sociedades desenvolvidas. Só assim, e só para isso, se criou a indústria do pocket-book.*

— Qual a tiragem do romance?

— *5500 exemplares.*

— Para o nosso meio é excepcional...

— *Mas em relação a uma sociedade de consumo seria um número bastante baixo. Trata-se de uma edição cartonada no estilo a que comercialmente, na linguagem internacional dos editores, se chama um paperbound. Nos Estados Unidos, na França, enfim..., a estas edições sucedem-se as do grande público, em formato de bolso, por vezes milhões de exemplares...*

— Qual a tiragem maior que teve até hoje?

— *A d'O Hóspede de Job, na Hungria. 50 000 exemplares, já esgotados.*

— O seu editor não prevê uma edição de bolso de *O Delfim*?

— *Impossível. Em primeiro lugar porque aquilo a que entre nós se chama edições de bolso é comercialmente uma distorsão, um eufemismo. Uma edição de bolso não pode ter o preço que justifique a definição — um preço que significa grandes tiragens, dezenas de milhares de exemplares. Em Portugal, por ora, esses limites são fantasiosos. Acresce ainda que eu recebo dos meus editores, de há uns anos para cá, uma mensalidade regular que tem de ser coberta com os direitos dos livros que publico. O montante desses direitos é função do preço de capa. Só com grandes tiragens, em edições de custo baixo, eu podia compensar o que recebo.*

— A tiragem de um livro relaciona-se, obviamente, com a capacidade de consumo e esta conduz-nos por força aos mass media...

— *Eu penso que os mass media são um problema para as sociedades sobredesenvolvidas. Mas mesmo nessas sociedades o livro, e portanto a literatura, entrou ele próprio no circuito dos mass media. É indiscutivelmente um bem de consumo e não um luxo de biblioteca. Por outro lado, o terror apregoado sobre a nefasta expansão da idade da electricidade, como lhe chama Mc Luhan, esse terror é parcial, é sectário. A televisão, a electrónica, a rádio, o disco, da comunicação sonora influenciaram também, no melhor sentido, as estruturas literárias. A oralidade, por exemplo, a imagética, o enriquecimento vocabular e a découpage de planos do romance contemporâneo devem muito a essas técnicas de comunicação. Por outro lado, a indústria electrónica permitiu que se fizesse nos países desenvolvidos uma investigação estilística (conhecida sobre várias designações, como por exemplo a da Poética Matemática, levada a cabo pelos alemães ocidentais) que veio revelar novos ângulos da interpretação da obra literária. Graças a milhares de operações estatísticas até aqui impossíveis de realizar, os soviéticos e os americanos puderam detectar as linhas de criação, os gostos vocabulares e os ritmos da prosa de alguns escritores, sistematizando regras verdadeiramente inesperadas. Esta conquista serviu e está a servir de base de investigação à análise científica do processo de criação e do mecanismo da imaginação. Certos ramos da ciência, como a angeografia, foram enriquecidos com estas descobertas.*

— E o que tem a dizer-nos sobre o seu livro propriamente dito?

— *Como calcula, tenho falado demasiado dele. Depois deste whisky acho que é altura de me separar de um trabalho, de uma aventura e de meia dúzia de personagens com os quais convivi mais ou menos regularmente durante seis anos.*

José Cardoso Pires mostra sinais visíveis de cansaço. Não insistimos. De qualquer modo, temos na memória o que ele escreveu de si e dos seus livros a páginas 109 de *O Delfim*. É esclarecedor e poderá satisfazer a curiosidade dos nossos leitores: «*Nenhum escritor gosta de falar do que escreveu a não ser em ocasiões muito, mas mesmo muito, especiais (...)* Vamos deixar em paz as minhas prosas e o prazer que as acompanha pela vida fora.»

«JORNAL DO FUNDÃO»

Vende-se no Fundão

na PAPELARIA E LIVRARIA
DO ESTUDANTE